

*Antonio de Costa*

# LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

## ARQUIVO DOS SEUS TRABALHOS

Série I—N.<sup>os</sup> 3 e 4

Julho a Dezembro de 1915

### SUMÁRIO

- D. António da Costa (1824-1892). — P. 1.  
Como se faz uma escola. — P. 5.  
Higiene escolar — Banhos escolares. — P. 6.  
Palestras educativas com projecções. — P. 13.  
Escola Primária Integral Consiglieri Pedroso. — P. 24.  
Extracto das actas das reuniões da Direcção da Liga. — P. 25.  
António Augusto de Figueiredo. — P. 30.  
Cursos nocturnos subsidiados pela Liga. — P. 30.  
Publicações recebidas ultimamente. — P. 42.

## D. ANTÓNIO DA COSTA

(1824-1892)

A Liga Nacional de Instrução, depois de ter publicadô neste lugar de honra os retratos dos seus falecidos fundadores e beneméritos da instrução popular, Consiglieri Pedroso e Trindade Coelho, percorrendo a lista dos propagandistas de instrução e educadores portugueses a que se propõe prestar homenagem, escolheu para êste número a nobre figura de António da Costa.

O nosso primeiro Ministro de Instrução Pública soube há 50 anos, dum modo tam elevado e com tal clareza, encarar os problemas da instrução e educação, que nos torna credores da maior admiração ao observarmos, através da sua obra, a penetração do seu espírito, a nobreza dos seus sentimentos, o seu acrisolado patriotismo, a sua tenacidade e mesmo arrôjo.

; Pensou pôr em prática há 50 anos o que apenas hoje duma forma, a bem dizer, indecisa ainda, se tenta tornar realidade, depois de tanto tempo perdido e tantos debates estéreis!

Já havia escrito muito sôbre instrução e propagandeados os mais racionais e modernos princípios, quando em 1870 foi feito Ministro da Instrução. Durante os 70 dias que durou a sua gerência naquela pasta fez reformas profundas, fez os decretos da liberdade do ensino superior, da reforma de instrução primária, das bibliotecas populares, das escolas normais, da reorganização do Teatro Nacional, etc.

D. António da Costa de Sousa Macedo era filho dos condes de Mesquitela e, como tal, moço fidalgo e aparentado com as mais elevadas classes. Apesar disso da sua obra só transparece amor pelos humildes, pela Pátria, pela verdade e pelo belo.

D. António da Costa era formado em direito, tomou parte nos movimentos políticos de 1846-1847.

Foi secretário geral do distrito de Leiria, publicando em 1855 nessa qualidade uma notável estatística do distrito e fundando naquela cidade um centro promotor de instrução pública, que mereceu ao Ministro do Reino de então, Rodrigo da Fonseca, os maiores elogios e até um subsídio para a manutenção dos cursos.

Em 1857 e 1858 foi Deputado em Côrtes e em 1860 foi nomeado primeiro official da Direcção Geral de Instrução Pública e a seguir comissário do Governo junto do Teatro de D. Maria II (Nacional), lugares que desempenhou com zelo e distinção.

Em 1870 entrou para o Ministério chamado dos 100 dias, para a pasta da Marinha, tendo Saldanha como presidente. Pouco tempo depois, criado o Ministério de Instrução, era, com o aplauso geral, transferido para aquela pasta que geriu até o fim da mesma situação ministerial.

Os principais trabalhos literários de D. António da Costa compreendem o seguinte:

*Adolfo e Virginia*, poema campestre, *Memória histórica sobre a instrução em Portugal*, *Molière*, drama original, *Relatórios e estatísticas várias*, *O cristianismo e o progresso*, *A instrução nacional*, *História da instrução popular*, *José Castilho o herói do Mondego*, *Os três mundos*, *No Minho*, *Instituição de Ouro*, *História do Marechal Saldanha*, *Auroras da instrução*.

Vários opúsculos sobre *O casamento civil*, *A mulher em Portugal*, etc.

Em todos os seus escritos a linguagem é elevada mas corrente, o seu modo de dizer é sincero e por vezes insinuante. Basta ler o livro *No Minho* para se amar o Minho, ou livros sobre instrução para sentirmos o desejo de pugnar também pela difusão dela, amável e racional, entre todas as classes.

Mais longas considerações poderia ainda fazer sobre a vida e obra deste prestante cidadão, mas parece-me que com vantagem posso terminar transcrevendo a *conclusão* do seu livro a *Instrução Nacional*, que, falando por si, melhor do que eu faria, nos pode apresentar o pedagogo e escritor que foi D. António da Costa.

## «Conclusão

### I

Chegados ao termo deste escrito, ficamos perplexos, ignorando se podemos convencer o leitor do estado em que se acham as questões que formam o problema da instrução nacional.

¿ Que nos diz o actual momento?  
 ¿ Que estrada temos desbravado?  
 ¿ Que moralidade se tem entranhado nos espiritos com a doutrina do dever?  
 ¿ Até que ponto está ilustrado êste povo? ¿ Quanto se tem aperfeiçoado o trabalho popular?

¿ Para se pronunciar a suprema sentença, que progressos temos de lançar na concha da direita?

O número das escolas subindo, em trinta anos, de 1:000 a 2:300; o das escolas do sexo feminino de 25 a 348; o número dos alunos, de 34:000 a 132:000; um orçamento duplicado em que se quis principiar a atender aos edificios escolares e às inspecções extraordinárias; uma escola normal do sexo feminino funcionando e cinco do sexo masculino em perspectiva; o aumento de 10,500 réis no ordenado dos professores normalistas; um tentame de escola central primária; a acção local dando sinais de vida, por meio de um certo número de cursos nocturnos e de despesas escolares; a iniciativa dos particulares apresentando-se como tentativa benemérita. ¿ Quem, enfeixando estes esforços, lhes regateará louvores? ¿ Para lançar na concha da esquerda o que vimos?

Vimos a organização da nossa instrução primária, por excepção única do mundo, basear-se na centralização lamentável do Estado, figurando a localidade e a iniciativa particular como tentativas proveitosas, mas não como elementos nacionais da educação pública. Vimos que a nossa escola deixa fora do seu âmbito a educação física, a educação política e a educação profissional; que a inspecção é nula, que o ensino obrigatório está decretado em vão, que a escola infantil e o segundo grau são letra morta.— Vimos que a verdadeira escola do século XIX é desconhecida entre nós pela carência do método geral e pela falta de livros próprios que são o instrumento do método; que as bibliotecas populares estão ainda por nascer. O magistério sem habilitações, quasi sem vencimento, e absolutamente sem carreira.

Como resultado de tudo isto vimos que o número das escolas, o dos alunos e principalmente o das alunas, a dotação do ensino, o aproveitamento geral, filho da diminuta frequência escolar, nos apareciam como um sudário.

Assim, o grande problema da instrução nacional não é a noite que era há trinta anos, mas, em vez do dia que já devia ser, não passa ainda de uma aurora nebulosa. Na presença desta idea predominante da instrução nacional suspendemo-nos com a alma cheia de tristeza.

## II

Numa tal situação, e investigadas como já o foram as causas dela, tentámos indicar as bases indispensáveis de uma reforma salutar, e sustentámo-las com as razões, com os factos internos e com os exemplos de fóra. Propusemos traços largos de verdade realizável, tendo em vista mais amplos lineamentos do futuro.

Para a organização propusemos, como base do edificio, a descentralização do ensino primário, fundada no elemento local, e auxiliada pela iniciativa particular e pelo Estado. Indicámos os meios de nacionalizar estes três elementos. Lembrámos que a família interviesse directamente na escola. Instámos por que a dotação do ensino proviesse de fontes novas, fundando-se um capital escolar em cada paróquia, e entendendo que do capital escolar deve sair, além do vencimento do professor, a mobília, os compêndios, a livraria, e quanto possível a construção do próprio edificio. Propusemos um sistema completo de inspecção, e esta não só como vigia, mas principalmente como direcção, esteio e fortaleza da nova organização escolar.

Propusemos que a educação física, e educação política e a educação profissional tomassem os seus lugares na escola, convertendo-a na instituição mais séria da nação portuguesa.

Propusemos um magistério verdadeiro por meio das habilitações normais, de um vencimento possível e de uma carreira justa, de que resultasse a perfeição dos métodos, a possibilidade das conferências, a verdade de ensino popular.

Propusemos que se entregasse à mulher a educação do sexo masculino, não só pelas razões gerais que o aconselham, como também tendo em mira a questão social da humanidade.

Propusemos, como complemento, as bibliotecas populares, e como meio a realização do ensino obrigatorio, preparo indispensável para que a liberdade do ensino possa chegar a ser uma verdade nacional.

Tal é a reforma ampla e justa, prática e progressiva que propomos, sem nos determos a demonstrar, por nos parecer evidente, que nem esta nem qualquer outra organização séria da instrução nacional dará um passo, a não existir um Ministério de Instrução Pública, perfeitamente realizável sem aumento de despesa no orçamento do Estado.

### III

A importância de uma nação avalia-se pelas suas escolas. Agita hoje cada povo a questão que lhe é vital. A Gran-Bretanha resolve a questão da igreja irlandesa, que é uma questão de propriedade.

A França funda sobre o terceiro partido a liberdade de que tinha saudades. A Espanha substitui a um trono corrupto a emancipação pública. A Austria pede de joelhos ao progresso que a salve dos desastres de Sadowa. A Hungria obtêm a força de firmeza a autonomia desejada, Cuba rega com sangue o germe da sua independência. A Polónia, depois de haver inundado d'ele a sua escravidão, protesta com demonstrações sucessivas contra o despotismo dos Césares cristãos. ¿E nós? ¿E a nossa questão fundamental? ¿Como temos nós resolvido a questão da educação e instrução portugueza?

Se a perda de alguns meses na educação de um povo é um detrimento moral de parte da sociedade, a demora de muitos anos pode acabar com a independência do mesmo povo, porque às populações escravas é-lhes licito jazer na ignorância durante séculos, mas nos povos livres faltos de instrução não há pureza de costumes, perfeição de trabalho, nem progresso vivificador. Há a civilização, sim, mas desnordeada como nau à mercê dos temporais. Brillham primeiramente para esse povo livre, mas deseducado, as recordações simpáticas de um passado glorioso já envolvido na melancolia, prenúncio do enfraquecimento. Medite consigo uma nação quando presentir que se extasia mais com os reflexos do seu passado glorioso do que diante das esperanças do seu desenvolvimento futuro. Virgílio e Camões cantaram os grandes povos quando os grandes povos se deixavam morrer. A Eneida foi um necrológio sublime, como os *Lusiadas* um epitáfio magestoso. Dois obeliscos regados com lágrimas. Depois dos primeiros estremecimentos vem nas letras o gesto da forma pretendendo encher o vácuo do pensamento, na vida íntima as seduções do luxo afrouxando os laços da família, na vida pública o egoismo exclusivo tomando o lugar das ambições nobres, na vida social o enfraquecimento das crenças debilitando as forças morais e civis da comunidade.

Aos partidos das ideas assentadas sucedem os corrilhos dos interêsses acanhados, e aos próprios corrilhos (julgados já superabundantes) succede a realza individual. Em vez de cada um guardar a fé aos seus arraiais, todos os arraiais são comuns e as causas estão à mercê de generosidade inimiga. Corteja-se a soberania do povo para se lhe pedirem mais sacrificios, e a liberdade anda à flor dos lábios dos sedutores. As carreiras, em grande parte, não se devendo ao estudo, mas ao favor, não excitam ao estímulo nem representam a capacidade especial. O rebaixamento da dignidade própria convida a corrupção a alastrar-se. Já se não cura do caminho direito; os atalhos podem deixar feridos os caminhantes, mas conduzem-nos efectivamente mais depressa aos pontos desejados. Não se quer ou não se pode já conduzir a nau em demanda de pôrto seguro onde se realizem os concertos com solidez; apenas se vão calafetando os rombos, julgando-se salvamento de séculos o que não é senão paliativo de instantes.

Todos se queixam de todos, e já ninguêem tem culpa. Quando qualquer nação (di-lo a história) se vai aproximando de um tal precipício anda inquieta, obedece a uma espécie de fatalidade, sente se abatida, inerte, tomada do indifferentismo, sem saber ainda que está doente, quando aliás lhe corre já pelas veias o sangue corrompido. O nome de toda esta moléstia é a decadência. Depois agravam-se mais os sintomas, jogam-se mais os dados, reparte-se mais a túnica, as faces da justiça empalidecem, um nevoeiro geral de desalento vai cinzentando os espíritos, e o sorriso que em todos se entrevê não é, se bem o observarem, senão uma contracção de dôr oculta. Depois há um estremecimento

solene. Os males, que os mais previstos tinham pressentido, patenteiam-se e todos os corações se unificam em amor na presença da desgraça comum, que deixou de ser um mistério. É o sublime sentimento que acordou. Depois, por efeito de qualquer incidente, completa-se a catástrofe: desapareceu uma nacionalidade. Depois, um martírio que dura séculos, sauda les que se não apagam nunca, e uma página escrita com lagrimas no livro da história humana.

## IV

Mas o perigo nos povos decadentes ainda não é a morte. Grandes esforços de união e de vontade podem salvar as nacionalidades doentias.

¿Porque está desanimada a nação, tendo ainda hontem a liberdade, êsse filtro maravilhoso que faz rejuvenescer um povo?

¿Porque? porque não baseámos a liberdade nacional na instrução nacional, porque creámos o espirito da pátria nova, sem lhe crearmos o corpo, e o grande espirito vagueia brilhante, mas sem ter ainda encarnado. Amigos da instrução pública, lutai a favor da escola primária. Não há liberdade nacional sem instrução nacional.

Lutai. Cada escola que fundardes são muitas almas que restituis à luz, muitas famílias que arrancais à fome. Cada escola é um capital de intelligência de moralidade e de trabalho com que dotais a nação. ¿Riem-se de vós? ¿Preguntam-vos se não éramos uma Pátria quando jazíamos em trevas? Lutai sempre.

¿Tem-se ido sucessivamente amontoando projectos sôbre projectos, leis sôbre leis, portarias sôbre portarias, e, em vez de se administrar praticamente a instrução popular, tem-se feito dela um reinado de expediente? ¿Um castelo de cartas architectado na areia? Continuai a lutar.

Não vos acovarde o desânimo, apóstolos da grande idea. Caminhai afoitamente por entre as indiferenças e os sorrisos. A imensa verdade lá está coroada no futuro.

Lutai em cruzada resoluta contra o inimigo comum. Não há três flagelos, há quatro, e o quarto, o da ignorância, resume-os a todos.

Lutai, amigos da instrução nacional, lutai. Hoje sois a minoria que tem a razão; amanhã sereis o poder que tem a força».

*A. Lemos.*

---

## Como se faz uma escola

Em Janeiro de 1914 a Câmara Municipal da Moita deliberou criar uma escola mixta no lugar do Rosário, por iniciativa do seu presidente, o Sr. Manuel Maria de Azevedo Rua.

Quando, porém, se tratou de dar realização à proposta, tais difficuldades surgiram de ordem burocrática e material, que a abertura de uma escola, que se estava tornando tam necessária, prometia protelar-se indefinidamente.

Não pôde o povo conformar-se com a demora, e, lançada a idea de uma subscrição pública, generosamente acorre a ela, cada um conforme as suas posses.

A comissão angariadora de donativos, composta dos Srs. José Pereira da Silva, João Henriques de Berardo, José Henriques de Berardo, Francisco Henriques de Berardo, Manuel Lopes da Paulina e João Pereira Jerónimo, de tal modo se houve, que, em Julho de 1914, foram inaugurados os trabalhos, em 25 de Dezembro de 1914 foi a nova casa entregue à Câmara e em 3 de Janeiro de 1915

começou a escola a funcionar, regida pela professora D. Casimira Costa.

A construção, para que foram recebidos donativos em dinheiro, material e trabalho, custou 703\$57. É modesta, mas satisfaz cabalmente ao fim para que foi destinada.

Tem as seguintes dimensões: superfície, 57<sup>m</sup>,930; altura, 4<sup>m</sup>,15; cubagem, 240<sup>m</sup><sup>3</sup>,421; luz, 9<sup>m</sup><sup>2</sup>,64.

Não será uma obra de luxo, mas vale, principalmente, pelo exemplo de civismo que representa.

A Liga Nacional de Instrução orgulha-se em registar factos, como este, no seu *Arquivo*.

---

## Higiene escolar

### Banhos escolares

Será talvez optimismo demasiado falar em banhos na escola primária portuguesa, quando esta se encontra ainda moldada nos velhos sistemas de ensino; a verdade, porém, é que a limpeza do corpo anda continuamente ligada ao uso do banho geral e o asseio da população das escolas deixa muito a desejar, como se tem evidenciado pelas queixas do nosso professorado. Se há alunos que se apresentam limpos, muitas vezes aliás apenas salvando as aparências, outros há que mostram completa ignorância dos benéficos efeitos derivados do asseio corporal, reflectindo assim as deficientes noções de hygiene do nosso povo. E esta falta de asseio, perigosa para o indivíduo, pelas graves perturbações que causa muitas vezes no seu organismo, torna-se prejudicial à colectividade pelas doenças contagiosas que lhe pode transmitir.

Os produtos excrementícios segregados pelas glândulas sebáceas e sudoríparas que abundam à superfície do corpo humano misturam-se, sobre a pele, com os detritos do vestuário e as poeiras da atmosfera, constituindo assim um meio propício ao desenvolvimento dos micro-organismos. A flora microbiana da pele, já de si importante pelo número das bactérias que a constituem, segundo Remlinger contam-se 40:215 por centímetro cúbico, encontra na imundície cutânea bom terreno para se multiplicar e este aumento causa por vezes sérios prejuízos, originando intoxicações derivadas da absorção das secreções microbianas. Este dano avoluma-se se estudamos as propriedades dos seus componentes, a par de bactérias saprofitas observam-se, em alguns casos, bactérias patogénias, as quais, se a virulência se exalta, podem provocar doenças locais e gerais, contagiando muitas vezes as pessoas com quem se acham em contacto.

Os benéficos efeitos dos banhos não se manifestam sómente pelos resultados apontados, ainda se reflectem com utilidade sobre a saúde do indivíduo. Activando a circulação periférica e concomitantemente

descongestionando os órgãos centrais e regulando assim o seu bom funcionamento, fortificam os tegumentos, tornando-os mais resistentes às variações da temperatura, que frequentemente concorrem para

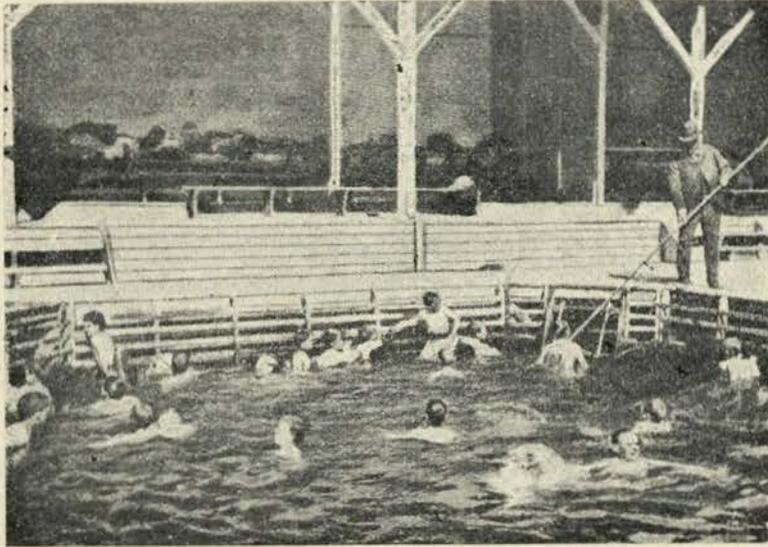


Fig. 1—Escola de natação na Dinamarca

despertar infecções das vias respiratórias. Além disso os banhos calmam o sistema nervoso, tam impressionável nas crianças.

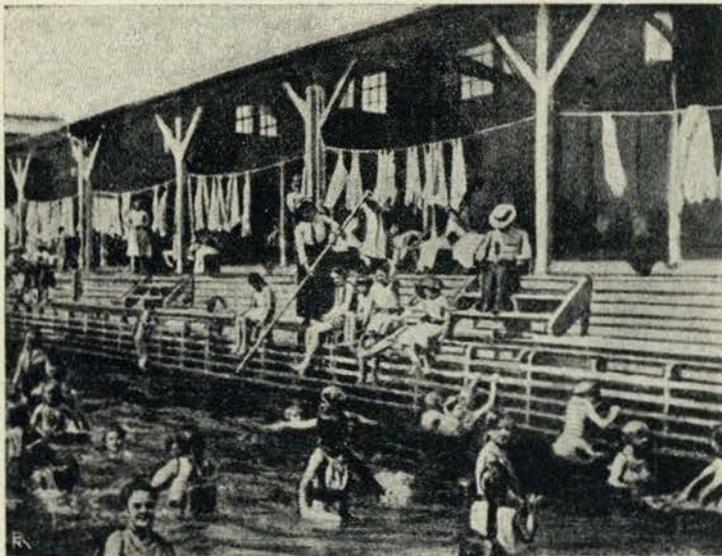


Fig. 2—Escola de natação na Dinamarca

Dos métodos usados para ministrar o banho geral, — banheira, piscina e duches —, êstes tem a preferência, por vários motivos que vamos estudar.

O banho em banheiras sai caro pela quantidade de água a empregar (cêrca de 200 litros por banho) e pelo combustível necessário para o seu aquecimento; além de exigir um espaço amplo para

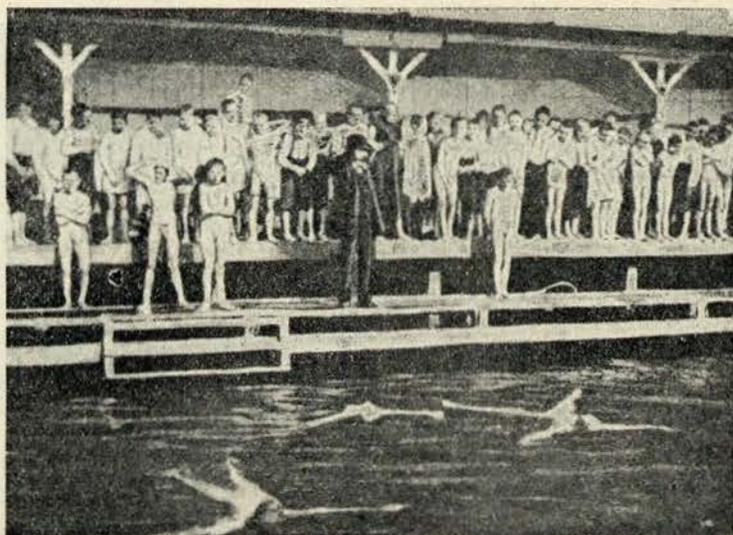


Fig. 3—Escola de natação na Dinamarca

a instalação do balneário e uma despesa apreciável para a desinfecção e conservação do material.

As piscinas utilizadas para banhos de limpeza devem ser com-

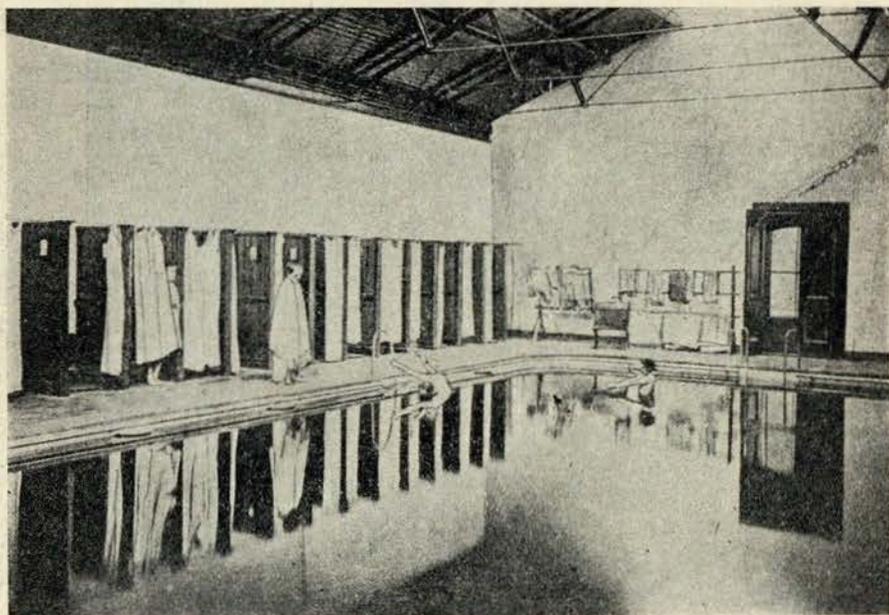


Fig. 4—Piscina de um balneário em Inglaterra

pletamente postas de parte em nome da higiene. Podem ser empregadas, e com vantagem, como bacias de natação, desde que se lhes anexem banhos de limpeza por onde passem os indivíduos antes de

as utilizarem. Assim se procede na Dinamarca, na Inglaterra, na Bélgica e em França (fig. 1 a 6). Em Portugal já se fizeram tam-

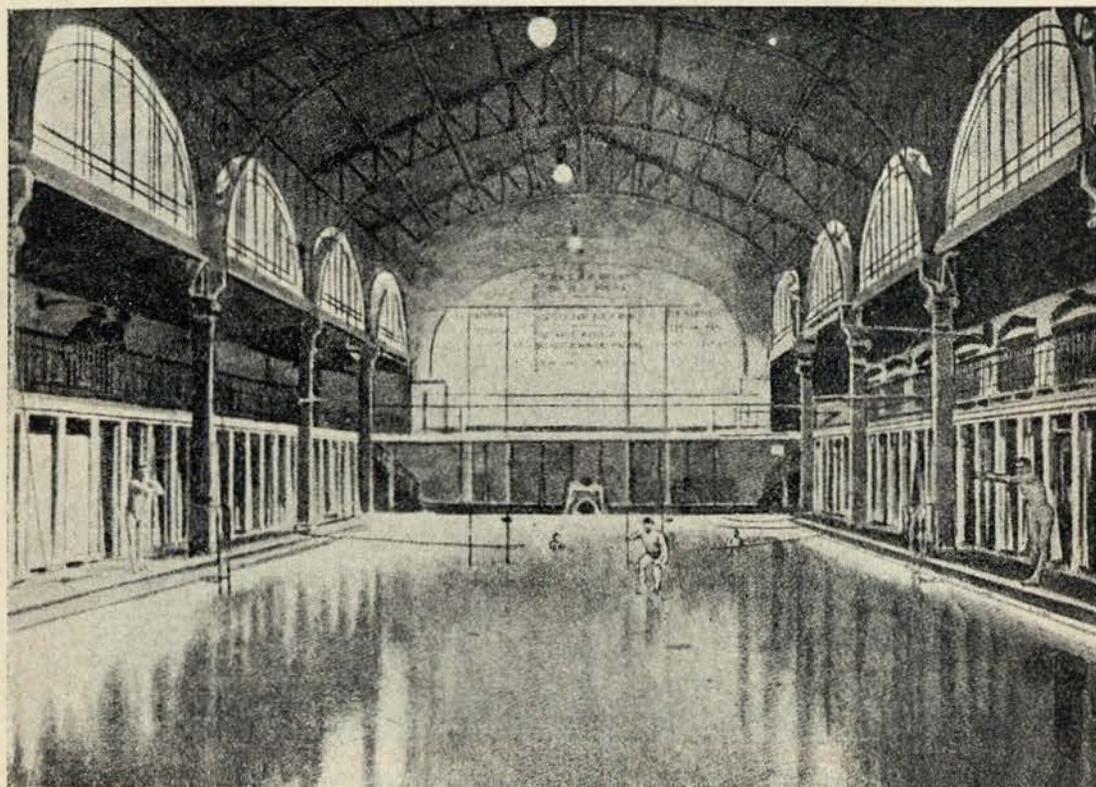


Fig. 5—Piscina do Balneário Municipal de S<sup>t</sup>-Gilles (Bélgica)

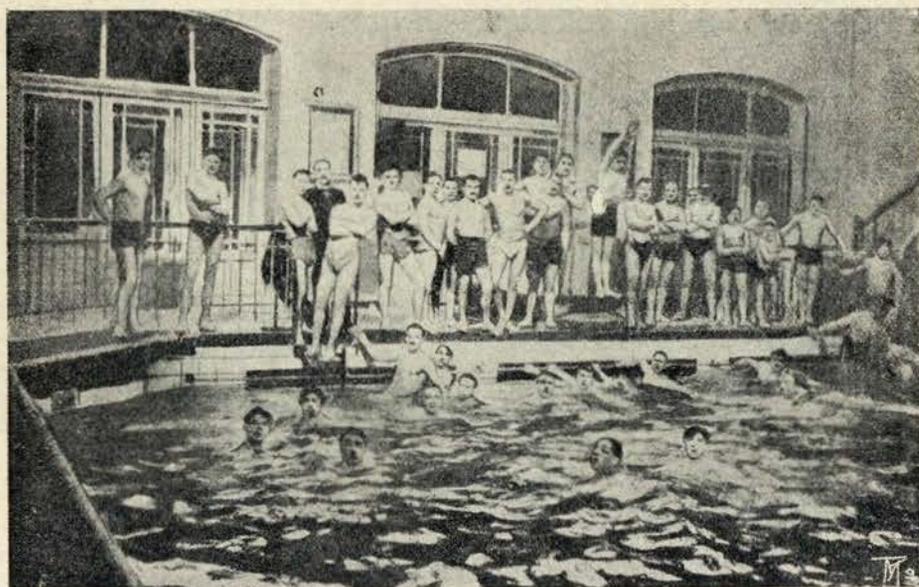


Fig. 6—Piscina do Balneário Municipal de S<sup>t</sup>-Gilles (Bélgica)

bém tentativas neste sentido, como se vê na figura 7, que representa uma piscina instalada em 1909 no Colégio da Figueira da Foz. Lis-

boa podia possuir piscinas sem maior dispêndio, bastava instalá-las nos pontos elevados da cidade, aproveitando as águas de lavagem para as regas da parte baixa, e à borda do Tejo, utilizando as

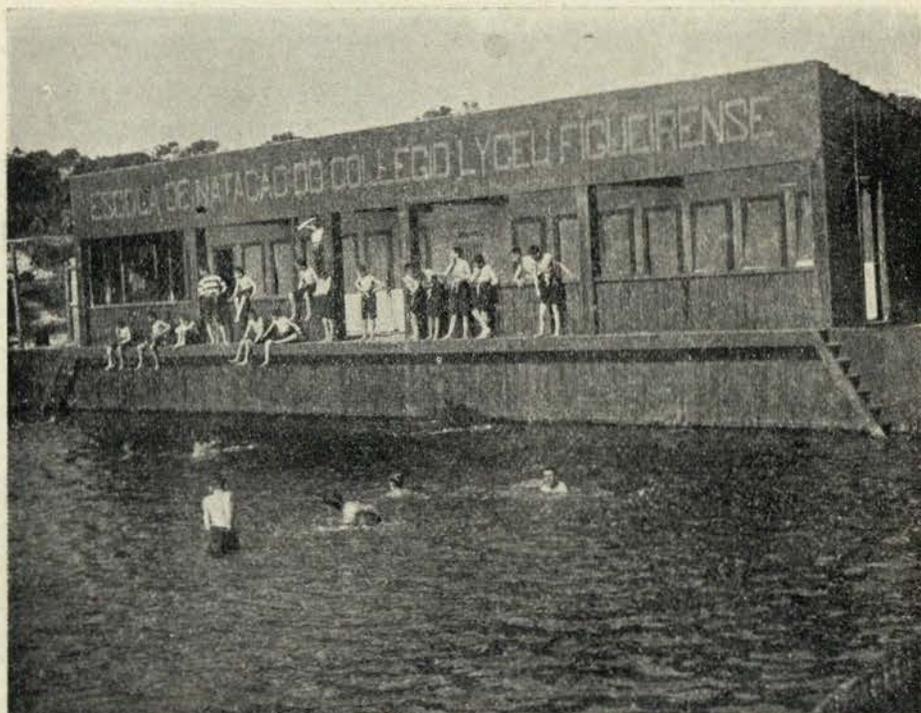


Fig. 7—Bacia de natação do antigo Colégio Liceu Figueirense

águas do rio, à semelhança do que se faz em Paris (fig. 8) e como já entre nós existiu em estado rudimentar.

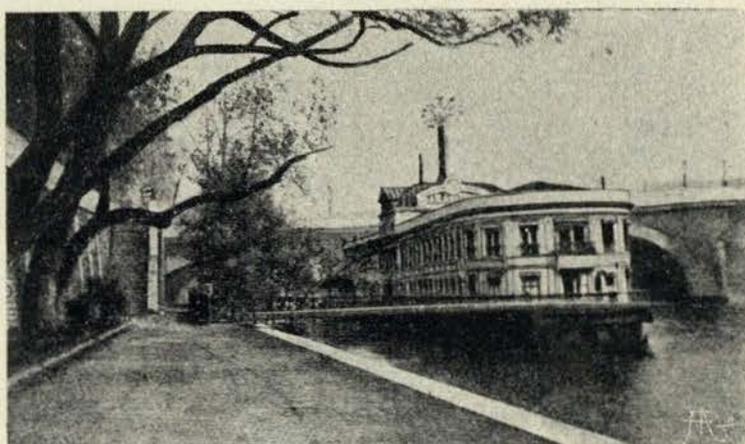


Fig. 8—Barcas de banhos no Sena (Paris)

O estabelecimento dos banhos-duches (fig. 9 a 11), deve ser aconselhado de preferência, porque, a par da modicidade de preço, são suficientes uns 20 litros de água para cada banho, a sua instalação

requisita um pequeno espaço, cêrca de 10 metros quadrados dão dez gabinetes, número suficiente para uma escola de freqüência re-

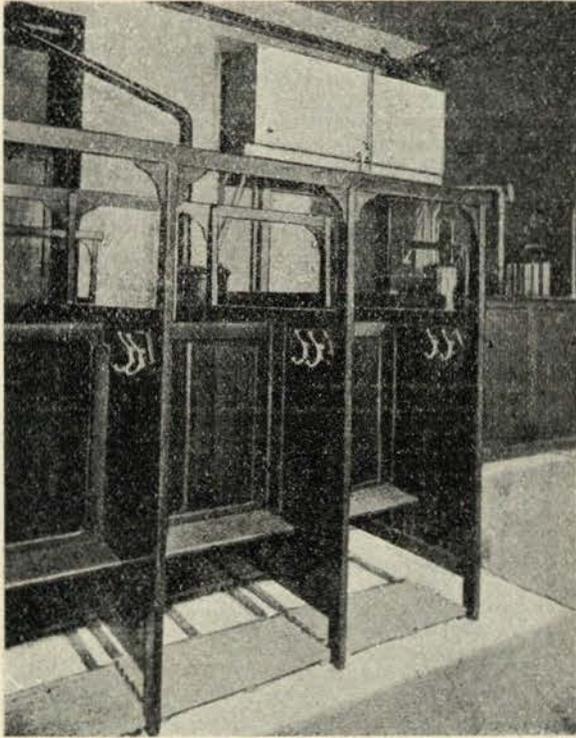


Fig. 9—Balneário da Escola n.º 19 de Bruxelas (vestiário)

gular, visto que cada banho demora 15 a 20 minutos. Êste sistema de banhos recomenda-se ainda pela simplicidade da instalação. Cada gabinete, de teçolo ou cimento armado, é dividido em dois compartimentos separados por uma meia parede (fig. 12), onde a criança se despe, limpa e veste, mobilado modestamente, com um cabide e um banco; outro, onde toma o banho, projectando-se sôbre êle a água por meio de chuveiro, regulado de fora pela pessoa encarregada de ministrar os banhos.

As observações do Dr. Rafael Schiaffino, médico escolar de Montevideu, exaradas no seu elucidativo relatório sôbre mobiliário e profilaxia dos estudantes, provam, de acôrdo entre a prática e as regras de higiene, que não existem inconvenientes sérios no uso dos banhos; antes pelo contrário, todas as vantagens são a seu favor; opinião em geral sustentada por todos que estudam de perto os resultados dos banhos escolares.

Assim, o Dr. Curtz, médico inspector alemão, diz que em regra os resultados obtidos são muito satisfatórios. Todos os professores e inspectores médicos afirmam que o aspecto dos alunos ganha em frescura e alegria e o ar das classes é mais puro, principalmente nas velhas casas, onde a ventilação geralmente é pior do que nas modernas. Os rapazes demonstram claramente uma maior capacidade para o estudo depois do banho.

O Dr. Keir, de Francfort, é do mesmo parecer, acentuando

ainda o maior cuidado que os rapazes mostram na limpeza das suas roupas e a diminuição de doenças parasitárias de cabeça.

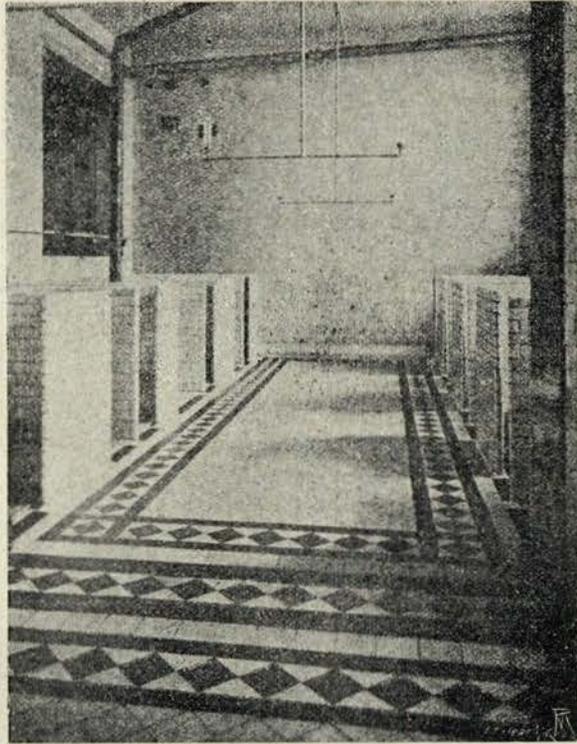


Fig. 10—Balneário da Escola n.º 19 de Bruxelas

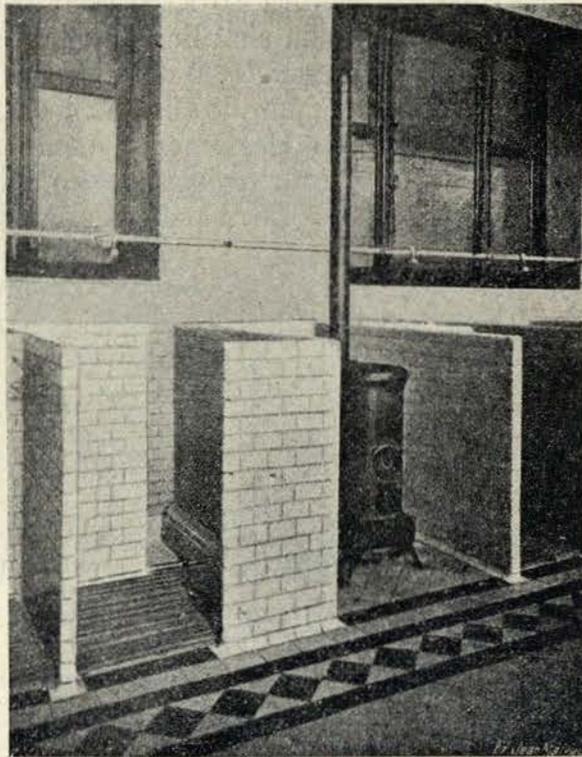


Fig. 11—Balneário da Escola n.º 19 de Bruxelas

De Colónia, as autoridades informam que a influência do banho escolar se faz sentir não só sobre o maior asseio do corpo dos estudantes, mas até sobre o asseio do vestuário. Aumenta a capacidade para o trabalho e o sentimento do *self-respect*, há orgulho no seu asseio e no dos seus condicípulos. A influência do hábito de limpeza adquirido na escola conserva-se depois de concluídos os estudos e muitas vezes influencia na salubridade da colectividade.

M.<sup>elle</sup> Rafon, directora da primeira escola de Bordeus, que estabeleceu os banhos-duches, verificou que os alunos se apresentam mais alegres desde que tiveram a felicidade de possuir a sua casa de banhos; prestam mais atenção às lições, são mais dóceis, mais tranqüilos e mais sossegados. O banho desperta o interêsse dos alunos pelo estudo e ao mesmo tempo produz salutar efeito moral.

Emfim, M. Senches, inspector das escolas primárias, resume as suas impressões sobre os banhos escolares em uma frase: «Os banhos-duches valem bem uma classe».

*A. de Magalhães.*

---

## Palestras educativas com projecções

Tendo a Direcção da Liga Nacional de Instrução, numa das suas sessões, deliberado promover, como meio de divulgar conhecimentos, palestras nos meios operários e associações onde subsidia cursos de aperfeiçoamento, adquiriu em Inglaterra uma bela lanterna portátil de projecções, que, apesar de modesta, satisfaz plenamente aos fins que a Liga se propôs.

Algumas palestras se realizaram já, mas as occupações profissionais dos membros da direcção, e muito principalmente a falta de clichés apropriados, não tem permitido a regularização e manutenção dum tal serviço, como se ambicionava.

Algumas séries de vistas que há não estão mesmo ainda completas para constituir a illustração necessária duma palestra. A Liga esforça-se, no emtanto, por completá-las, apesar das inúmeras dificuldades actuais em obter um material que, no nosso meio, quasi se não produz.

A Liga possui já uma colecção de vistas para projecção, que se pode assim classificar:

Clichés de 10<sup>cm</sup> × 8 1/2, na maior parte fotograficos montados em vidro e prontos a servir;

Vistas em gelatina que se podem montar rapidamente;

Vistas cujo formato ainda não está adoptado ao funcionamento da lanterna que a Liga possui.

Da primeira espécie tem a Liga os seguintes clichés:

**Série A—Assuntos de história de Portugal**

Uma caravela.  
 Vasco da Gama.  
 D. João de Castro.  
 Fernão de Magalhães.  
 Marquês de Pombal.  
 Escudo de armas de Portugal (República).  
 D. João II.  
 Inácio de Loiola.  
 Afonso de Albuquerque.  
 Bandeiras das ordens militares.  
 D. Manuel I.  
 Pedro Álvares Cabral.  
 D. Afonso Henriques.  
 Um pelourinho.  
 Castelo de Almourol.  
 Moedas antigas, morabitino, rial branco, ceitil.  
 Escritura antiga.  
 D. João I.  
 Nuno Álvares.  
 O Infante Santo.  
 Infante D. Henrique.  
 D. Filipa de Lencastre.  
 D. Dinis.  
 Dr. João das Regras.  
 Tipos de brasões antigos.  
 Camões.  
 Uma nau.  
 D. Francisco de Almeida.  
 Planisfério indicando o mundo português.  
 Um dólmen.  
 Beijamão a D. Inês de Castro morta.

**Série B—Assuntos coloniais**

Vista geral de Lourenço Marques.  
 Cais Gorjão de Lourenço Marques.  
 Praia de Bolana (L. M.)  
 Praça Mousinho de Albuquerque (L. M.).  
 Edifício da Fazenda (L. M.).

Carregando carvão (L. M.).  
 Edifício da Câmara Municipal (L. M.).  
 Ponta Vermelha (L. M.).  
 Cais em 1899 (L. M.).  
 Rua D. Luís (L. M.).  
 Avenida Aguiar (L. M.).  
 Grupo de pretos de Lourenço Marques.  
 Munchongolu (bataque), (Lourenço Marques).  
 Mafalala (bataque de pretos somalis maometanos).  
 Rio Incomati.  
 Ponte na linha da Suazilândia.  
 Garopa gigante (peixe tropical).  
 Tartaruga.  
 Um anão preto (Lourenço Marques).  
 As marimbas num bataque.  
 Estação Ressano Garcia.  
 Rua de Chai-Chai.  
 Pôrto de Inhambane.  
 Mercado de Inhambane.  
 Rua João Laforte (Inhambane).  
 Vista geral da Beira.  
 Rua Valsassina (Beira).  
 Outra vista da Beira.  
 Rua Castilho (Beira).  
 Forte de Sofala.  
 Grupo de régulos (Busi).  
 Rio Manene (Macequece).  
 Vista geral de Macequece.  
 Vista do Chinde.  
 Alfândega de Quelimane.  
 Avenida de Coqueiros em Quelimane.  
 Uma palhota em Quelimane.  
 Machila de Quelimane (diferente das do interior).  
 Rua do Livramento (Quelimane).  
 Um *kraal* (Quelimane).  
 Grupo de pequenos de Quelimane).  
 Lavradores de Quelimane.  
 Vista de Bartolomeu Dias,  
 Pôrto Amélia.

Rua da Ponta da Ilha de Moçambique.

Um aspecto da Ilha de Moçambique tirado da Fortaleza.

Palácio do governador na cidade de Moçambique.

Porta da Fortaleza (Moçambique).

Mercado de Moçambique.

Rua 27 de Julho no Ibo.

Vista do Ibo.

Praia do Ibo.

Vista do pôrto de Loanda.

Uma rua de Loanda.

Rua dos coqueiros, em Loanda.

Fortaleza de S. Miguel, em Loanda.

Vista de Loanda.

Rua Salvador Correia (Loanda).

Palácio do governador (S. Tomé).

Rua Val-Flôr (S. Tomé).

#### Série C — Educação física

Estátua de Apolo de Praxíteles.

Hércules Farnésio.

Outro hércules clássico.

Estátua de criança (moderna).

Estátua de rapariga (moderna) (2 clichés).

Outra estátua de Apolo.

Tipos de beleza antiga e moderna.

Boas e más atitudes.

Defeitos do busto.

Formas de respiração.

Pulmões.

Coluna vertebral.

Mensurações antropométricas (na Escola Normal de Bruxelas).

O mesmo no Instituto de Surdos-Mudos de Santa Ágata.

Busto perfeito (respiração torácica).

Respiração abdominal na mulher.

Efeitos da gymnástica racional (num soldado).

Efeitos da gymnástica (numa

criança) do Instituto dos Pupilos (15 clichés).

Uma sala de gymnástica sueca. Exercícios Hebert, durante o Congresso de Educação Física de Paris (5 clichés).

Raparigas suíças (no mesmo Congresso), (2 clichés).

Soldados franceses (2 clichés).

Suecas (2 clichés).

Suecos (4 clichés).

Mulher sueca em equilíbrio (no mesmo Congresso).

Alunos da Universidade de Gand.

Escola de gymnástica militar de Bruxelas (2 clichés).

Soldados portugueses na gymnástica.

Gymnástica na Casa de Correção de Caxias (4 clichés).

Gymnástica nos Pupilos do Exército.

Gymnástica no Colégio Militar (4 clichés).

Jogos infantis (danças de roda) (6 clichés).

#### Série D — Costumes e paisagens portuguesas

Usos ribatejanos.

Carro de bois (arredores de Lisboa).

Os veados em Vila Viçosa.

Veados em Vila Viçosa.

Carros de bois alentejanos.

Medas de palha no Alentejo.

Um rebanho de carneiros.

Feiras de porcos (Vila Viçosa).

Na ria de Aveiro.

Na ria do Ribatejo.

Vistas do Nabão.

Valas do Ribatejo.

Rio Nabão.

Terrenos inundados.

O mar na costa portuguesa.

Aldeia açoreana.

Espigueiros açoreanos.

Penhascos das Ermidas na Louçã.

Casas de Lavos (2 clichés).  
 Tourada portuguesa (as cortesias).  
 Salinas no Mondego.  
 O Zé Pereira minhoto.  
 Praia da Ericeira.  
 Soldados minhotos (2 clichés).  
 Um regimento do Minho em parada (tempo da monarquia).  
 Um regimento na Madeira (tempo da República).  
 Um acampamento militar.  
 Tropas em marcha nas manobras.

#### Série E — Monumentos portugueses

Um dólmen.  
 O mosteiro da Batalha.  
 Claustro da Batalha.  
 Pórtico da Batalha.  
 Túmulos dos Infantes.  
 Interior do templo da Batalha.  
 Túmulo D. João I e Pórtico do Jardim Botânico de Coimbra.  
 Varanda flamenga de Viana.  
 Paço de Vila Viçosa.  
 Mosteiro de Alcobaça.  
 Estação de Campolide e Aque-  
 duto das Águas Livres.  
 Convento de Mafra.  
 Telhados e cúpula de Mafra.  
 Mosteiro dos Jerónimos.  
 Claustro de Alcobaça.  
 Torre de Belém.  
 Túmulo de João da Silva em S. Marcos e janela ornamental em Viana.  
 Hotel do Buçaco e capela Malheiros em Viana.  
 Capela dos Templários em Tomar.  
 Convento de Cristo em Tomar.  
 Igreja e convento da Graça de Évora.  
 Igreja da Graça em Évora.  
 Biblioteca da Universidade em Coimbra.  
 Porta nas fortificações de Elvas.  
 Igreja gótica em Tomar.

Monumento a Sá da Bandeira.  
 Monumento ao Duque da Terceira.  
 Monumento de D. José I.  
 Edifício da Escola Politécnica, hoje Faculdade de Ciências, antigo Colégio dos Nobres.

#### Série F — A tuberculose

Mortalidade por tuberculose em França.  
 Arterite do cotovêlo e mal de Pott.  
 Tuberculose ganglionar.  
 Tísico — pulmão são e pulmão doente.  
 Laënnec auscultando um doente.  
 Contágio nas cobaias.  
 Kock.  
 A tatuagem entre os marítimos.  
 Na taberna (o alcool e o tabaco).  
 Águas-furtadas (habitação insalubre).  
 Na corte do gado (alojamento insalubre).  
 Casa de operário higiênica.  
 Bairros operários higiênicos.  
 Oficina anti-higiênica.  
 Oficina moderna em boas condições.  
 Deformações causadas pelo espartilho.  
 As saias arrastam poeiras.  
 A areia dos passeios públicos contém muitos micróbios.  
 Varrer levanta muitos micróbios.  
 Os alimentos devem estar ao abrigo das poeiras.  
 Escarradeiras.  
 Todo o leite deve ser fervido.  
 Desinfecção das casas.  
 Operária anémica.  
 Operários vidreiros.  
 O banho caseiro.  
 Os *sports*.  
 Os jardins operários.  
 As crianças na montanha.

Raquítico e curado.  
 Hospital marítimo de Berek.  
 Hospital marítimo de Hendaia.  
 Hospital marítimo de Arcachon.  
 Dispensário em Lille.  
 Goethe e Potain.  
 O quarto do doente (antigamente).  
 O quarto do doente (hoje).  
 Curas de ar.  
 Curas de ar na floresta.  
 Curas de inverno ao sol.  
 Curas nas montanhas.  
 Exercícios respiratórios (2 clichés).  
 Varanda dum sanatório.  
 Sanatório de Bligues.  
 Sanatório de Hauteville.  
 Hospital Boucicaut.  
 Família de camponeses sãos e felizes.

#### Série G — Os meios de locomoção

Exposição de carruagens em 1900.  
 A primeira bicicleta.  
 Os biciecos e triciclos na exposição.  
 Os automóveis.  
 O carro primitivo.  
 Carroça.  
 Cadeirinha de Carlos V.  
 Cadeirinha de mão.  
 Caleche do século XVIII.  
 Trens de praça.  
 Uma *charrete*.  
 A mala-posta.  
 Os *omnibus*.  
 Diligências.  
 Transporte de mercadorias.  
 Carro fúnebre de Napoleão I.  
 O elefante.  
 O camêlo.  
 O cavalo.  
 Um trenó russo.  
 Trenó com renas na Lapónia.  
 Trenó com cães na Sibéria.  
 Carrão com cães.  
 A rêde (machila).

Carros chineses de uma roda.  
 Os *skis*.  
 Primeiro carro a vapor.  
 Experiências com a locomóvel a vapor.  
 Os caminhos de ferro.  
 A locomotiva.

#### Série H — O vestuário

Selvagem da América do Norte.  
 Vestuários egípcios (antigos).  
 Vestuários assírios.  
 Uma mulher grega.  
 Britannicus (estátua romana).  
 Casamentos de plebeus.  
 Clovis e um soldado franco.  
 Santa Clotilde.  
 Servos no século IX.  
 Mafalda, condessa de Bolonha.  
 Nobres do século XIV.  
 As toucas do século XV.  
 Um joven elegante do século XV.  
 Não se usava camisa na idade média.  
 Arma de Bretanha.  
 Espora de Henrique III.  
 Espora de Henrique IV.  
 Os mosqueteiros.  
 Danças do século XVI.  
 Camponesa do século XVI.  
 Personagens do tempo de Luís XIV.  
 Uma rainha da Polónia (Seczinska).  
 Vestuários do princípio do reinado de Luís XV.  
 Vestuários pastoris.  
 Época da Convenção.  
 As Maravilhosas.  
 Vestuários em 1814.  
 Os chales de Cachemira, 1860.  
 As saias de folhos, 1875.  
 Uma elegante moderna, 1895.  
 Trajos femininos da antiga Grécia.

#### Série J — Artilharia

Arcos, besta e flexas.  
 Balista.

Balista e catapultas.  
 Catapultas.  
 Diferentes espécies de catapultas.  
 A torre móvel.  
 A tartaruga.  
 O ariete.  
 Corvo (ou contra-ariete) de defesa.  
 Corvo de tenazes de defesa.  
 Corvo de garras dos assaltantes.  
 Corvo com cêsto.  
 Corvo de garras de defesa.  
 Sambuque (ponte de desembarque).  
 Corvo de Arquimedes.  
 Primeira bombarda italiana.  
 Bombarda de Gand.  
 A primeira metralhadora.  
 Bombarda sobre reparo.  
 Colubrina do século xv.  
 Canhão ordinário de carregar pela boca.  
 Canhão Krupp de campanha.  
 Canhão americano de Woolwicia de 81 toneladas.  
 Reparo Scott da marinha inglesa.  
 Cúpula para dois canhões.  
 Reparo de eclipse.  
 Canhão de tiro rápido (canhão revólver).  
 Artilharia de montanha.  
 Metralhadora Maxim.  
 Parque de metralhadoras Maxim.

#### Série k — As aves

Falco tinnunculus (peneireiro ou francelho).  
 Aquila fulva (não existe em Portugal).  
 Milvus regalis (milhano).  
 Astur palumbarius (açôr).  
 Accipiter nisus (milhafre).  
 Buteo vulgaris (minhoto de asa redonda).  
 Noctua minor (mocho).  
 Syrnium Aluco (coruja do mato).

Strix flammea (coruja das torres).  
 Otus vulgaris (mocho grande).  
 Picus viridis (peto).  
 Cuculus canorus (cuco).  
 Lanius collurio (picanso).  
 Muscicapa nigra (taralhão).  
 Cypselus apus (ferreiro).  
 Caprimulgus europæus (noitibó).  
 Merula et turdus viscivorus (melro e tordo).  
 Rubecula familiaris (pisco).  
 Rouxinol.  
 Sylvia atricapilla (toutinegra).  
 Regulus cristatus (felosa de tonta).  
 Certhia familiaris (trepadeira).  
 Parus major (chopin).  
 Budytes flavas (lavandisca).  
 Motacilla alba (gonçalinho).  
 Alauda arvensis (cotovia).  
 Passer et Pyrrhula vulgaris, (pardal e tentilhão da Índia).  
 Fringillia coelebs (tentilhão).  
 Carduelis elegans (pintassilgo).  
 Sturnus vulgaris (estorninho).

#### Série L — A vida a bordo

Entrada do almirante a bordo.  
 A ponte do couraçado.  
 O sextante.  
 A sala dos oficiais.  
 A baldeação.  
 Os maquinistas.  
 Embarque do carvão.  
 Pessoal de quarto.  
 Torre do «Pothuau».  
 Torre do «S. Luís».  
 Manobra duma peça de 100 milímetros.  
 Peças em posição de tiro.  
 Manobra do canhão de 47 milímetros.  
 As embarcações.  
 Baleeira acostando.  
 Descida dos marujos para as canoas.  
 Infantaria de marinha.  
 Desembarque de marinheiros.

Tambores de companhia de desembarque.  
 Exercício de sabre.  
 Trabalhos de força a bordo dum couraçado.  
 Dormindo no tombadilho.  
 Embarque de bois para consumo.  
 Vendedeiras a bordo.  
 O «Brenus» no dique.  
 A revista de inspecção do comandante.  
 Esquadra em marcha.  
 Salvas à bandeira.

#### Série M — A Holanda

Mapa da Holanda.  
 Ponte de Moerdyk.  
 Dordrecht.  
 Ponte de caminho de ferro em Rotterdam.  
 Câmara Municipal de Rotterdam.  
 A porta de Delft em Rotterdam.  
 Haia, um canal.  
 Haia, o palácio rial.  
 Scheveningue, a praia.  
 Haarlem, igreja de S. Bavon.  
 Amsterdam, estação central.  
 Amsterdam, canal Amstel.  
 Amsterdam, antiga casa do pêso.  
 Amsterdam, Marken-Vitger.  
 Amsterdam Nieuwe-Kerk.  
 Saandam, cabana de Pedro, o Grande.  
 Torre de Monnikendam.  
 Chegada à Ilha Marken.  
 Rapazes e raparigas de Marken.  
 Volendam, sobre o dique.  
 A aldeia de Edam.  
 Utrecht, torre de S. Tiago.  
 Utrecht, casa da moeda.  
 Utrecht, a Dordrecht.  
 Arnhem, a grande igreja.  
 Arnhem, câmara municipal.  
 Leeuwarden, o Waag.  
 Leeuwarden, a câmara municipal.

Groningue, palácio da justiça.  
 Groningue, a universidade.

#### Série N — Vida na Idade Média

Um rei no trono.  
 A sagração do rei.  
 O rei administrando justiça junto duma árvore.  
 Entrada dum rei numa cidade.  
 Luís XI, protector das letras e artes.  
 Um castelo feudal.  
 O porteiro dum castelo.  
 Um cavaleiro nobre.  
 Armar cavaleiro.  
 Um torneio.  
 Batalha de Taillebourg.  
 Salão de Chatelain (aposentos senhoriais).  
 Côrtes de Amôr.  
 Jongleurs (músicos).  
 Uma nobre (Condessa Matilde).  
 Bispo ou abade.  
 Procissão.  
 Túmulo de Filipe Pot.  
 Excomunhão do Rei Roberto.  
 Igrejas lugares de asilo.  
 Fundador da Universidade de Paris (Sorbon).  
 Uma aula nos séculos XIV e XV.  
 Burgueses.  
 Negociantes.  
 Operários.  
 Chefes de corporação (mestres).  
 Camarada das corporações.  
 Batalha de Bouvines.  
 Jaquerie.

#### Série O — Ordens religiosas

Freiras de S. José de Cluny — Irmã da caridade.  
 Benedictinas — Irmãzinhas dos pobres.  
 Clariças — Dominicanas.  
 Irmãs de S. Francisco de Sales — Ursulinas Carmelitas.  
 Cavaleiro templário.  
 Cartuxo — Agostinho.

**Série P — O alcoolismo**

- O fim das vindimas.  
 A taberna e a feira dos operários.  
 Operários bêbedos, operários sóbrios.  
 O aperitivo e os burgueses nos cafés.  
 Os mercados e feiras são, no campo, pretexto para beber.  
 A ignorância é que faz muitas vezes os alcoólicos.  
 Experiências do alcool sobre animais.  
 Coração e fígado, são e doentes.  
 O hospital de doidos.  
 Em casa do alcoólico.  
 Esquema das conseqüências do alcoolismo.  
 Estatística do alcoolismo nas nações.  
 Estatística dos degenerados pelo alcoolismo.  
 Despesas do Estado provenientes do alcoolismo.  
 Destilação de frutas.  
 Lâmpadas e motores a alcool.  
 Operário sóbrio e sua família.  
 O serão entre os operários sóbrios.  
 O jardim em vez da taberna.  
 As bebidas higiênicas nas fábricas.  
 A cooperativa operária belga Vooruit.  
 A sobriedade dos tripulantes do *Fram*.  
 Sociedades exportivas e de temperança dos regimentos.  
 Comparando a aguardente ao leite.

**Série Q — O tabaco**

- Fumadores indígenas americanos.  
 Concurso de fumadores flamengos.  
 Plantações de tabaco na Amé-

rica. Molhagem e descolagem das fôlhas.

- Desfiamento do tabaco.  
 Cachimbos.  
 Fumadores turcos.  
 Fabrico mecânico de cigarros.  
 Fabrico manual de charutos.  
 Tabaco de cheirar (rapé).  
 Os marujos e o tabaco.  
 Os contrabandistas nas fronteiras.  
 Pacotes e caixas de tabaco.

**Série R — Alemanha  
(Expansão, progresso e política)**

- Os fundadores do Império Alemão.  
 Estátua da Germânia.  
 O guarda-roupa de Guilherme II.  
 Desenho alegórico de Guilherme II.  
 Entrevista de Guilherme II com Bismarck.  
 Pôrto de Hamburgo.  
 Kiao Tehin.  
 Guilherme II indo a bordo do vapor francês *Iphigénie*.  
 Baptismo do *Meteor*, por Henrique da Prússia e miss Roosevelt.  
 Fábrica Krupp em Essen.  
 Tumultos socialistas de 1892 em Berlim.  
 Bebel — Liebneekt.

**Série S — Alemanha militar**

- Frederico II passando uma revista.  
 Napoleão I depois de Iena  
 Guilherme II — Moltké e Koon.  
 Comparação de armamentos francês e alemão em 1870.  
 A torre de Spandau (tesouro de guerra) e as fortalezas da fronteira.  
 Artilharia e engenharia alemãs.  
 Os cães no exército — disciplina.

Metralhadoras—Zeppelin.  
O passo de parado.  
Festas militares na Alemanha.  
O juramento da bandeira.  
O canal de Kiel.

#### Série T — Alimentação digestiva

Bôca (deglutição).  
Fórmula dentária.  
Dentes.  
Esquemas do aparelho digestivo.  
Primeiros dentes.  
Minas de sal na Polónia.

#### Série U — Higiene, banhos, limpeza e medicina

Os poros da pele, o ouvido e os parasitas da pele (sarna).  
Uns banhos romanos.  
Banhos públicos no século XVI.  
O duche e o lavatório nos regimentos.  
Piscina popular em Inglaterra.  
Habitação insalubre—habitação higiênica.  
Limpeza semanal provinciana.  
A higiene nas fábricas.  
As fossas e as infiltrações.  
Higiene dos doentes.  
Ruas antigas—ruas modernas.  
Esquema da distribuição das águas numa povoação.  
O banho escolar (Bélgica).  
Bacia de natação da comuna de St.-Gilles (Bélgica).  
Natação das escolas na Dinamarca.  
Duche ao ar livre.  
O banho de *tub* (esponja).  
O banho de *tub* (chuveiro).  
Bacilos da tuberculose.  
Dr. Roux.

Dr. Câmara Pestana.  
Dr. Pasteur.

#### Série V — Plantas têxteis

Planta do linho e flor.  
O linho na água para largar a caspa.  
Colheita do algodão nos Estados Unidos.  
Descarga do algodão na Europa.  
Plantação da juta na Indo-China.  
Piteira e coqueiro.  
Fiandeiras aldeãs (roca, fuso e sarilhó).  
Fiação mecânica do algodão.  
Fabrico de cordas.  
Antigo tear manual.  
Transformação das fibras em corda e princípio dos tecidos.  
Uma grande fábrica de fiação moderna.

#### Série X — Abelhas e bicho de seda

Abelha obreira—cabeça de abelha.  
Orgãos anexos das antenas.  
Pernas posteriores.  
Orgão da respiração—ferrão e glândula venenosa.  
Macho ou zângão—abelha-mestra.  
Ninfas e larvas.  
Quadro das metamorfoses.  
Alvéolos do mel e da criação.  
Colmeias móveis.  
Extractor do mel.  
Tinha (larva e borboleta).  
Esphinge-caveira (larva e borboleta).  
O bicho de sêda.  
A lagarta, casulo e ninfa.

## Série para crianças

## Série A — Cômicas

- 1 }  
 2 } Visitando casas para alugar.  
 3 }  
 4 }  
 5 } Um homem, um cão e uma  
 6 } pulga.  
 7 }  
 8 }  
 9 } Um cão e o vinho novo.  
 10 }  
 11 }  
 12 } Uma banheira nas escadas.  
 13 }  
 14 }  
 15 } Uma partida de escolares.  
 16 }

## Série B — O gato das botas

O pequeno moleiro e o seu gato.  
 Caçadas do gato.  
 Oferta dos presos ao rei.  
 O dono do gato banhando-se.  
 Encontro entre o marquês de Carabas e o rei.  
 O gato e as ceifeiras.  
 O rei falando com as ceifeiras.  
 O gato no castelo do Papão.  
 O Papão transformado em leão.  
 O Papão transformado em rato.  
 Recepção dos reis no castelo.  
 Casamento do dono do gato com a princesa.

## Série C — Cendrillon (gata borralheira)

Maus-tratos da madrasta.  
 As irmãs vivendo no luxo.  
 Os seus desgostos.  
 O poder da fada, sua madrinha.  
 No baile do rei.  
 Perde um sapato.  
 O príncipe anuncia que casará com a dona do sapato.  
 Esperimentando o sapato na côrte.  
 Encontra-se a dona do sapato.  
 As irmãs arrependidas.

Levada a casa do príncipe.  
 Casamento do príncipe.

Vistas cujo formato não está ainda adaptado à lanterna

## Série D — Cômicas

A primeira cachimbada.  
 Os porcos.  
 Provando o tabaco.  
 Primeiros sintomas.  
 Cabeça à roda.  
 Cada vez pior.  
 Náuseas terríveis.  
 No chão.  
 Aparição inesperada.  
 Ajuste de contas.  
 Dois porcos para a feira.  
 Fogem os porcos.  
 Encontram obstáculos.  
 Entornam vinho branco.  
 Uns patos bebem-no.  
 E sobe-lhes à cabeça.  
 A corda prende-se nos chifres duma cabra.  
 Fazem-na saltar.  
 E dar uma cabriola.  
 Aparece no caminho uma árvore que as prende.  
 Seguem para o mercado.

## Série E — Robinson

O pequeno Robinson na sua terra.  
 Contratado e naufrágio.  
 Vida na Ilha — Cabana.  
 Semeando e construção da canoa.  
 Ensinando um papagaio e fazendo cestos.  
 Caçadas na Ilha.  
 Viagens na canoa e domesticando animais.  
 Robinson e os seus amigos.  
 Descoberta das pègadas.  
 O companheiro de Robinson.  
 Combate com os selvagens.  
 Volta à Europa.

**Série F — D. Quixote**

D. Quixote lendo os livros da cavalaria.  
 D. Quixote inicia as aventuras acompanhado de Sancho.  
 D. Quixote armado cavaleiro pelo estalajadeiro.  
 Desgraças do Sancho.  
 D. Quixote dando cambalhotas.  
 Aventura dos moinhos.  
 D. Quixote apanha uma tarefa.  
 Aventura dos carneiros.  
 As formosas damas.  
 Aventura do Leão.  
 Viagem de D. Quixote e Sancho através do deserto.  
 Morte de D. Quixote.

**Série G — Vistas do Egito**

Edificação turca antiga.  
 As Pirâmides e a Esfinge.  
 Interior muçulmano.  
 Rua do Cairo.  
 Vista do Nilo.  
 Monumentos com alguns milhares de anos.  
 Colossos de Amon?  
 Margens do Nilo.  
 Loja árabe.  
 Vida de Haren (tecendo tapetes).  
 Um pôrto no Alto Nilo.  
 Um templo nas margens do Nilo.

**Série H — Ali-Baba ou os 40 ladrões**

Os ladrões à entrada da caverna.  
 Ali-Baba dentro da caverna.  
 Os burros carregados de riquezas.  
 Ali-Baba medindo o dinheiro.  
 O patrão de Ali-Baba apanhado dentro da caverna.  
 Vendando os olhos.  
 Conselho dos ladrões.  
 Em casa do sapateiro.  
 Marcando a porta.

O capitão dos ladrões pedindo para guardar os potes.  
 Azeite a ferver para cima dos ladrões.  
 O capitão dos ladrões em casa de Ali.

**Série I — Catedrais da Europa**

Catedral de Estrasburgo (?)  
 Catedral de Milão.  
 S. Paulo de Londres.  
 Catedral de Siene (?)  
 Catedral de Florença.  
 Uma catedral suíça (?)  
 ?  
 S. Marcos de Veneza.  
 ?  
 Notre Dame de Paris.  
 S. Pedro de Roma.  
 Uma catedral na Rússia(?)

**Série J — Fenómenos naturais**

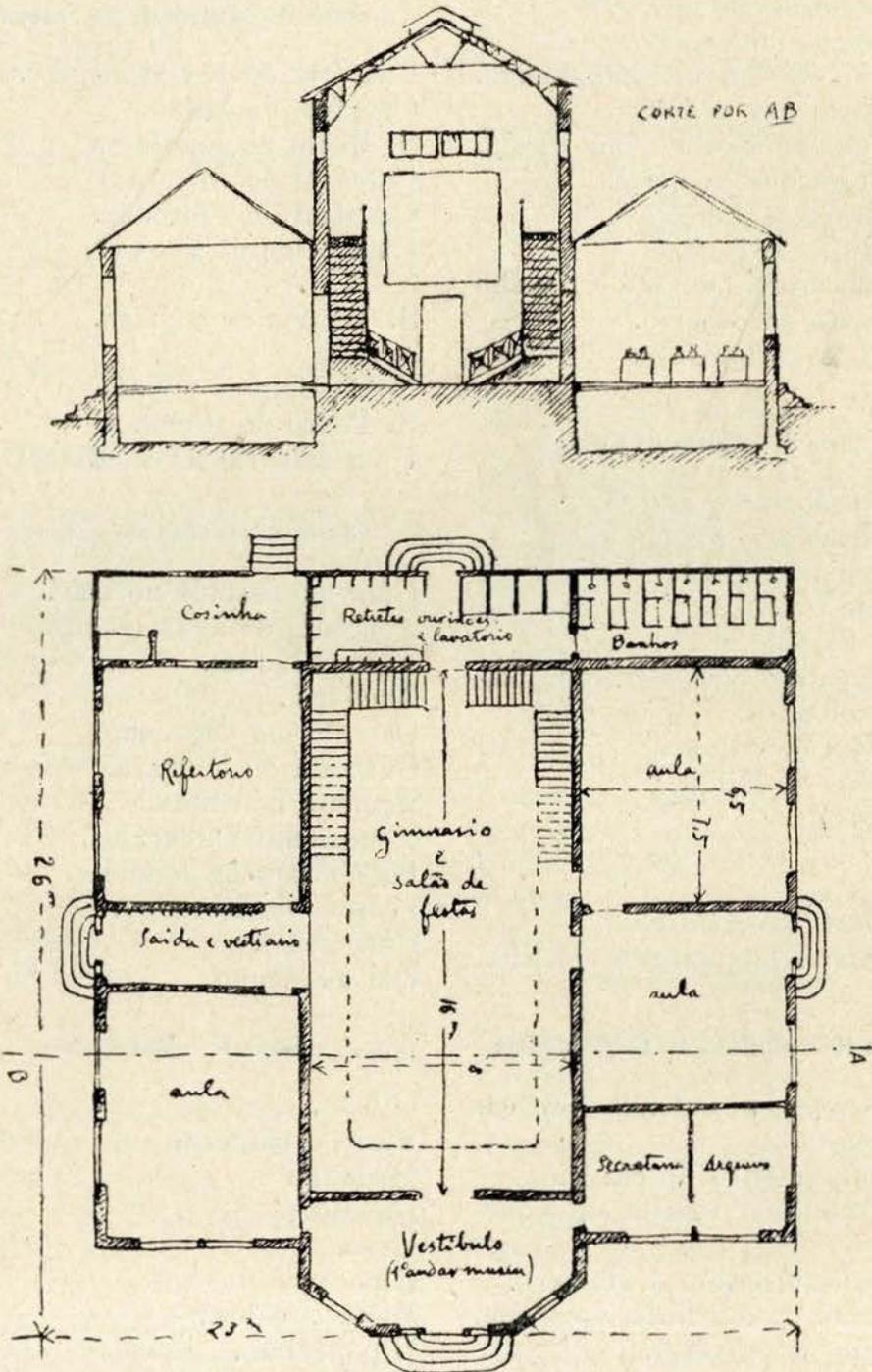
Uma tempestade no mar.  
 Nascente de água quente.  
 Aurora boreal.  
 Arco-íris.  
 Cascata em degraus.  
 Catarata do Niagara.  
 Tromba marítima.  
 Fenómenos vulcânicos.  
 Os Geisers da Islândia.  
 Fiordes da Noruega.  
 Uma gruta.  
 Um terremoto.

**Série K — Mamíferos**

O leão.  
 Tigre e pantera.  
 Elefante.  
 Cavalo.  
 Urso.  
 Rinoceronte.  
 Burro e zebra.  
 Hipopótamo.  
 Veado.  
 Camelo e dromedário.  
 Girafa.  
 Canguru.

## Escola Primária Integral Consiglieri Pedroso

Desde há anos que a Liga Nacional de Instrução pensa em fundar uma escola primária integral, para a qual já o saúdoso Consi-



glieri Pedroso, quando nosso presidente, tinha obtido terreno da Câmara Municipal de Lisboa. Só agora, porém, veio o ensejo de a

iniciar, e por isso resolveu a Direcção da Liga que a ela se desse o nome do nosso inolvidável presidente, que tanto se interessava e dedicava pela educação do povo. O plano do edificio que se vai levantar, e cujo *croquis* reproduzimos, é do nosso illustre consócio e secretário da direcção, Álvaro Viana de Lemos.

## Extracto das actas das reuniões da Direcção da Liga

(De Julho a Dezembro de 1915)

A Direcção da Liga reúne ordinariamente todas as sextas-feiras.

**Acta n.º 135** (2 de Julho de 1915).— Resolveu-se ir cumprimentar o novo Ministro de Instrução e pô-lo ao corrente dos trabalhos e pretensões da Liga.

Foi recebido e discutido um orçamento da casa Costa e Matos, de Braga, para a impressão das canções escolares premiadas no concurso aberto por ocasião do IV congresso pedagógico e resolveu-se pedir orçamentos também na Editora, Imprensa Nacional e Litografia Portugal.

**Acta n.º 136** (9 de Julho de 1915).— Continuou-se tratando do assunto da impressão das canções escolares e considerando-se o mau aspecto da impressão simplesmente tipográfica, propôs-se que se enviassem à Editora, para em face do original ser feito o orçamento.

Ficou assente que se publicasse um único volume em formato 4.º e se tirasse uma edição de 1:500 exemplares.

**Acta n.º 137** (16 de Julho de 1915).— Foi recebido o orçamento da Editora que montava a 460\$ por 1:500 exemplares ou 538\$ por 2:000. O Sr. Borges Grainha foi encarregado de ir tratar com aquela empresa sobre vários detalhes da impressão.

**Acta n.º 138** (23 de Julho de 1915).— Foi proposto e aprovado subsídio para um curso nocturno em Palma de Cima. Tomou-se conhecimento de que no orçamento do Ministério de Instrução não havia verba alguma a favor da Liga, como fôra prometido, sendo no emtanto contempladas largamente outras associações congéneres.

Fizeram-se várias considerações sobre o orçamento apresentado pela Editora para a impressão das canções escolares, mas não se resolveu nada de definitivo por se acharem presentes poucos membros da direcção. A opinião geral foi, no emtanto, que se deveria fazer uma edição mais económica possível.

**Acta n.º 139** (30 de Julho de 1915).— Leu-se uma entrevista publicada no jornal *A Capital*, de 28 de Julho, em que havia insinua-

ções à Liga Nacional de Instrução. Feitas várias considerações sobre o caso, foi encarregado o Sr. Borges Grainha de fazer o resumo das mesmas para enviar àquele jornal.

**Acta n.º 140** (6 de Agosto de 1915).—Foi apresentada e aprovada a redacção das considerações feitas na secção anterior e publicadas no jornal *A Capital*, de 2 de Agosto. Foi copiada por extenso na acta.

**Acta n.º 141** (22 de Outubro de 1915).—Foram recebidos pedidos do Centro Escolar de Campo de Ourique e Federação das Associações de Classe para a continuação dos subsídios da Liga para os seus cursos nocturnos de aperfeiçoamento. Foi votada a verba de 6\$ mensais para cada um desses cursos.

Discutiui-se o estado da questão do subsídio pedido ao Estado para a construção da escola da Liga, tomando-se conhecimento das *demarches* dalguns membros da direcção nesse sentido.

Resolveu-se enviar novo officio sobre o mesmo caso ao Ministro de Instrução, historiando os factos passados e renovando o pedido.

Decidiu-se pedir audiência aos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Presidente da República e Presidente do Conselho (José de Castro) para lhes pedir, pelas afinidades que tem com a Liga, para se interessarem por ela perante o respectivo Ministro.

O Sr. Vice-Presidente da Liga relatou o modo elevado como havia corrido um concurso, a que presidira no Pôrto, para o lugar de director do Internato Municipal, bem como a sua admiração pela boa preparação dos concorrentes e de serviços prestados à instrução pela Câmara Municipal do Pôrto.

**Acta n.º 142** (29 de Outubro de 1915).—Novamente se discutiu e fizeram-se considerações sobre as questões pendentes do pedido de subsídio ao Estado e da publicação das canções escolares. Sobre o assunto das canções escolares chegou-se à conclusão que a mais urgente necessidade no nosso meio era de letra apropriada às crianças das escolas, pois quanto à música já havia muito aproveitável.

**Acta n.º 143** (12 de Novembro de 1915).—Foi lançado na acta um voto de sentimento pelo falecimento do membro da Direcção, Sr. Capitão António Augusto de Figueiredo, tendo-se a Liga feito representar no funeral.

Trocaram-se impressões sobre as visitas feitas aos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Presidentes da República e do Conselho, a quem se entregaram *memoranduns* sobre o assunto.

Foi resolvido entregar desde já a impressão das canções escolares à casa Costa & Matos, de Braga, nas condições que ela em tempos apresentara.

Deu-se conta do estado dos trabalhos para a publicação do 2.º número do *Arquivo*.

**Acta n.º 144** (19 de Novembro de 1915).—Foram apresentados os balancetes de Setembro e Outubro, acusando o último um saldo de 1.924\$92(5).

Pelo Sr. Vieira e Silva foi proposto que se continuassem a manter cursos de aperfeiçoamento, visto que, não havendo esperanças de auxílio da parte do Estado, a Liga cumpria a sua missão despendendo o seu dinheiro desta maneira e quando se tivesse gasto o resto a Liga dissolver-se-ia.

Tomou-se conhecimento de que estava já funcionando mais um curso de aperfeiçoamento subsidiado pela Liga junto da Cantina de S. Mamede. Abeirando-se mais uma vez o assunto do pedido de subsídio para a construção da casa escola da Liga, o Sr. Vieira e Silva pediu para que ficasse exarada na acta a relação dos passos que se haviam dado nos últimos tempos nesse sentido.

Disse o Sr. Silva que, encontrando-se casualmente com os Srs. Dr. Bernardino Machado e Dr. João de Barros, o Sr. Dr. Bernardino Machado perguntou, como presidente da Liga, o estado dos seus trabalhos e movimento. O Sr. Silva explicou a acção da Liga nos últimos tempos e o seu estado financeiro e a impossibilidade, por falta de fundos, da realização do seu principal *desideratum*, que era a edificação da sua casa, e mais uma vez lamentou que a Liga Nacional de Instrução, que depois de ter prestado relevantes serviços à causa da República durante a propaganda e depois dela proclamada, não houvesse sido atendida nos seus constantes pedidos para, à semelhança doutras instituições congéneres, ser contemplada com qualquer subsídio para auxiliar e desenvolver os seus trabalhos. Sendo certo que o havia solicitado directamente dos vários Ministros de Instrução com quem se avistara, bem como com o mesmo Sr. Dr. Bernardino Machado, Presidente da Liga, quando Ministro dos Estrangeiros e Presidente do Ministério.

O Sr. Dr. João de Barros disse que a Liga nunca foi contemplada porque nunca havia pedido nada, ao que o Sr. Vieira e Silva objectou ter-se nesse sentido avistado com todos os Srs. Ministros de Instrução, retorquindo o Sr. Dr. João de Barros, que o que era certo é que não havia feito o pedido legalmente, pois que na sua Repartição nunca apparecera documento algum da Liga, aconselhando a Direcção da Liga a fazer em papel selado um requerimento pedindo o que desejava, prontificando-se o mesmo Sr. Dr. João de Barros a receber no seu gabinete o Sr. Vieira e Silva, para êste lhe historiar a pretensão da Liga e êle lhe indicar a forma do requerimento, se tanto fôsse preciso.

A Direcção da Liga Nacional de Instrução efectivamente formulou o seu pedido nestes termos, entregando-o nas mãos do Ministro de Instrução de então, o Sr. Dr. Magalhães de Lima, que prometeu interessar-se e fazer inserir a verba de 3.000\$ no orçamento da Instrução que devia ser apresentado ao Parlamento.

Saído êste Ministro, a Direcção da Liga avistou-se novamente com o seu successor, Sr. Dr. Lopes Martins, que fez promessas semelhantes.

Porém, com surpresa nossa, vimos que no orçamento não appareceu verba alguma a favor da Liga.

O Sr. C. A. Marques Leitão, tendo conhecimento disto, foi imediatamente em nome da Liga comunicá-lo ao Sr. Dr. João de Barros, respondendo êste que a quantia pedida seria então dada à Liga pelo Ministério de Instrução e pela verba que melhor se adaptasse, aconselhando mesmo o Sr. C. A. Marques Leitão a fazer novo requerimento, dando o mesmo Sr. Dr. João de Barros os tópicos para êle.

Com a ausência temporária do Sr. Dr. João de Barros êsse requerimento esteve muito tempo sem seguir. Porém, passado tempo, o Sr. Borges Grainha foi procurar o Sr. Dr. Queiroz Veloso, que ficara substituindo o Sr. Dr. João de Barros, pedindo-lhe para fazer chegar às mãos do Sr. Ministro o requerimento em questão, o que êle fez.

No emtanto, a Direcção da Liga avistava-se com o Sr. Presidente da República e Presidente do Conselho dando-lhe notícia dêste facto e pedindo-lhe para auxiliarem junto do respectivo Ministro o andamento dessa pretensão, o que do mesmo modo se fez com outras entidades.

**Acta n.º 145** (26 de Novembro de 1915).—Recebida uma carta da casa Matos, de Braga, a quem havia sido entregue a impressão do livro das canções escolares e em que se pedia uma modificação no orçamento proposto em Junho em razão da excepcional elevação no preço dos papéis, foi aprovado se despendessem mais 25\$ a 30\$ escudos nesse trabalho. Foi lembrado que seria da maior vantagem que se continuassem as palestras educativas com projecções e discutiu-se a forma prática de as levar a efeito.

**Acta n.º 146** (3 de Dezembro de 1915).—O Sr. Dr. Aníbal de Magalhães expõe as impressões que sôbre o assunto do subsídio que a Liga requerera trocara com os Srs. Silva Barreto, chefe da repartição de Instrução Primária, e tenente Vilarinho, secretário do Sr. Presidente do Conselho.

Tomou-se conhecimento das *demarches* no mesmo sentido feitas pelo Sr. Dr. Adelino Furtado, por intermédio do Sr. Pires de Campos, junto do mesmo Sr. Silva Barreto, ficando assente que por todo o mês o caso estaria resolvido, assim como duma conversa do mesmo Dr. Furtado com o Sr. Dr. José de Castro sôbre o mesmo assunto.

Foi proposto cumprimentar o Sr. Simas, actual Ministro de Instrução, e reforçar perante S. Ex.<sup>a</sup> o pedido feito aos anteriores Ministros.

O Sr. Ferrão expõe o estado dos trabalhos para a publicação do livro do IV Congresso e propõe que se façam separatas dos assuntos mais interessantes. Discutiu êste assunto, prevalecendo a opinião de publicar um livro único, tirando antes maior número de exemplares.

O Sr. Ferrão propoz também que se desse ao *Arquivo da Liga* uma feição mais de revista pedagógica e lembrando a necessidade de se fazer numa sessão solene a distribuição de diplomas de bene-

méritos e menções honrosas aos autores das canções escolares. Todos acordaram em que seria mais lógico fazer coincidir esta festa com a solenidade do início dos trabalhos da nossa casa.

O Sr. Grainha declara que tendo-se juntado várias verbas na Imprensa Nacional, a Liga dispunha actualmente ali para as suas publicações de cerca de 900\$.

**Acta n.º 147** (17 de Dezembro de 1915).—O Sr. Tesoureiro apresentou o balancete relativo a Novembro com um saldo de 1.900\$79.

Foi proposto para sócio o Sr. Dr. Luís da Câmara Reis.

Recebido convite da direcção do Gimnásio Club para aderir à idea dum congresso de educação física, foi deliberado felicitar e dar a adesão.

Trocaram-se impressões sobre o encontro da direcção com o Ex.<sup>mo</sup> Ministro de Instrução e sobre o estado das pretensões da Liga.

O Sr. Júlio Cardona pede escusa do seu cargo na direcção da Liga.

**Acta n.º 148** (24 de Dezembro de 1915).—Trocaram-se impressões sobre os assuntos pendentes, principalmente sobre o estado da impressão do 2.º número do *Arquivo da Liga* e obtenção de subsídio do Estado, encarregando-se ainda, sobre este assunto, o Sr. Marques Leitão de mais uma vez procurar o Sr. Dr. João de Barros.

### Cursos nocturnos subsidiados pela Liga

A Liga Nacional de Instrução estabelecera, no ano lectivo de 1914-1915, a título de experiência, quatro cursos nocturnos para aperfeiçoamento dos alunos que, tendo frequentado os cursos de analfabetos, desejavam receber mais completo ensino. Para esse efeito subsidiou algumas associações que solicitaram o nosso auxílio. O resultado desses primeiros cursos foi satisfatório, e por isso resolveu continuar subsidiando, dentro dos seus recursos, essas e outras associações que se propusessem divulgar a instrução entre o povo. No ano lectivo de 1915-1916 subsidiaram-se cinco associações, como consta dos mapas respectivos referentes a Novembro e Dezembro de 1915.



## António Augusto de Figueiredo

Faleceu este membro da direcção da Liga em 3 de Novembro de 1915. Era bastante dedicado a assuntos de instrução e a Liga lamenta profundamente a sua morte pelo muito que havia a esperar da sua colaboração e inteligente actividade.

Como director do Instituto dos Pupilos do Exército, a sua acção ali ficou marcada por algumas notáveis tentativas de modernização do ensino e educação dos internatos, que entre nós tanto deixam a desejar.

Em 1913 representou Portugal no Congresso de Educação Física de Paris e era presidente da secção portuguesa da Institution Internationale d'Education Physique de Odense (Dinamarca).

António de Figueiredo, que fizera um curso distinto, era capitão de engenharia e lente da Escola de Guerra.



MAPAS

## LIGA NACIONAL

Curso de aper

Escola nocturna na Cantina Escolar da Freguesia de S. Miguel

Número de ordem	Nome	Idade
1	Maria Adelaide . . . . .	32
2	Alvaro Lourenço . . . . .	14
3	Manuel Lourenço Santos . . . . .	14
4	António Joaquim Magalhães . . . . .	25
5	Serafim Chanet . . . . .	14
6	Júlio Pereira . . . . .	15
7	Humberto da Piedade . . . . .	18
8	Joaquina da Piedade . . . . .	18
9	Maria da Silva Ferreira . . . . .	14
10	Rosa de Oliveira Pomba . . . . .	18
11	Berta das Dores . . . . .	14
12	Maria Rosa Ferreira . . . . .	14
13	Beatriz Araújo Pinheiro . . . . .	19

## DE INSTRUÇÃO

feiçãoamento

Professora, Josefina Margarida Soares Homem

Profissão	Data da matrícula	Outubro Dias lectivos		Novembro Dias lectivos 22		Dezembro Dias lectivos 17	
		Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento
Costureira. . . . .	1-11-915	-	-	6	16	5	16
Empregado no comércio . . . . .	1-11-915	-	-	3	18	3	18
Aprendiz de ourives . . . . .	1-11-915	-	-	3	14	-	15
Pasteleiro. . . . .	1-11-915	-	-	6	16	7	15
Empregado no comércio . . . . .	1-11-915	-	-	8	10	9	10
Doméstica . . . . .	1-11-915	-	-	5	10	6	10
Catraei o . . . . .	1-11-915	-	-	6	10	8	10
Doméstica . . . . .	2-11-915	-	-	2	14	-	16
Costureira . . . . .	2-11-915	-	-	-	15	7	14
Doméstica. . . . .	4-11-915	-	-	1	15	-	16
Doméstica. . . . .	4-11-915	-	-	8	10	15	-
Doméstica. . . . .	1-12-915	-	-	-	-	3	14
Doméstica. . . . .	7-12-915	-	-	-	-	3	15
Média do curso . . . . .		-	-	8	13	8	14,6

## LIGA NACIONAL

Curso de aper

Escola de Palma e arredores

Número de ordem	Nome	Idade
1	João Barata . . . . .	14
2	Domingos Martins . . . . .	25
3	João Espinho . . . . .	14
4	Antonio Martins . . . . .	20
5	Augusto de Oliveira . . . . .	12
6	João Simões . . . . .	22
7	José Afonso . . . . .	25
8	António Ferreira . . . . .	13
9	Carlos Ferreira . . . . .	9
10	Carlos Mendes . . . . .	13
11	Mário Soares . . . . .	12
12	Francisco José . . . . .	13
13	Jaime Lucas . . . . .	11
14	Alvaro Lourenço . . . . .	17
15	Luis Fonseca . . . . .	28
16	José Ventura . . . . .	18
17	Ildefonso Rodrigues . . . . .	11
18	Acácio Nunes . . . . .	26

## DE INSTRUÇÃO

feiçãoamento

Professor, Lima da Costa

Profissão	Data da matrícula	Outubro		Novembro		Dezembro	
		Dias lectivos		Dias lectivos		Dias lectivos	
		Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento
Aprendiz de carpinteiro . . . . .	19-10-915	-	-	6	16	6	16
Pedreiro . . . . .	19-10-915	-	-	9	11	10	11
Servente . . . . .	19-10-915	-	-	-	-	-	-
Servente . . . . .	19-10-915	-	-	6	7	11	7
Servente . . . . .	19-10-915	-	-	9	7	13	7
Servente . . . . .	1-10-915	-	-	16	10	22	0
Pedreiro . . . . .	4-10-915	-	-	-	-	-	-
Aprendiz de carpinteiro . . . . .	1-10-915	-	-	9	8	7	12
Aprendiz de carpinteiro . . . . .	1-10-915	-	-	7	7	7	7
Servente . . . . .	30-10-915	-	-	6	5	13	8
Servente . . . . .	30-10-915	-	-	9	10	7	10
Funileiro . . . . .	3-10-915	-	-	8	15	7	15
Sem emprêgo . . . . .	14-10-915	-	-	5	12	13	-
Servente . . . . .	8-10-915	-	-	3	12	9	12
Trabalhador . . . . .	27-10-915	-	-	4	15	3	15
Servente . . . . .	27-10-915	-	-	4	15	18	15
Servente . . . . .	30-11-915	-	-	-	-	11	5
Trabalhador . . . . .	30-11-915	-	-	-	-	10	5
Média do curso . . . . .		-	-	-	-	-	-

## LIGA NACIONAL

Escola da Federação Operária

Curso de aper

Número de ordem	Nome	Idade
1	Vitor Rafael Cardoso . . . . .	-
2	António Francisco . . . . .	14
3	Arnaldo Ferreira . . . . .	19
4	Aurora Ferreira . . . . .	14
5	Antonio da Costa Duarte . . . . .	28
6	José Bicho . . . . .	41
7	João Gomes . . . . .	18
8	Antonio da Costa . . . . .	28
9	David Caetano de Almeida . . . . .	24
10	João Monteiro . . . . .	15
11	Carlos Esteves de Castro . . . . .	23
12	Frederico da Luz Matos . . . . .	14
13	Francisco Marques . . . . .	26
14	Américo da Silva . . . . .	10
15	Antonio Gonçalves . . . . .	21
16	Albertina Ferreira do Souto . . . . .	16
17	Maria M. Pinheiro . . . . .	15
18	Maria Amélia Monteiro . . . . .	12
19	João de Almeida . . . . .	20
20	Franquelim de Jesus . . . . .	27
21	Antonio Gomes . . . . .	22
22	Alfredo Sá . . . . .	21

## DE INSTRUÇÃO

feijramento

Professora, Francisca Romero

Profissão	Data da matrícula	Outubro		Novembro		D. zembro	
		Dias lectivos		Dias lectivos		Dias lectivos	
		Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento
-	16-11-915	-	-	2	13	9	12
Sapateiro . . . . .	1-11-915	-	-	4	9	6	10
Electricista . . . . .	1-11-915	-	-	2	14	1	14
Doméstica . . . . .	2-11-915	-	-	2	12	14	-
Servente de tipografia . . . . .	2-11-915	-	-	4	14	7	12
Tecelão . . . . .	2-11-915	-	-	10	13	11	12
Servente das obras públicas . . . . .	4-11-915	-	-	2	11	9	13
Servente dos hospitais . . . . .	4-11-915	-	-	2	12	7	12
Empregado no comércio . . . . .	9-11-915	-	-	3	14	7	11
Servente . . . . .	11-11-915	-	-	3	10	2	12
Barbeiro . . . . .	15-11-915	-	-	7	-	16	-
Torneiro mecânico . . . . .	19-11-915	-	-	1	10	10	13
Pedreiro . . . . .	24-11-915	-	-	2	-	18	-
-	2-11-915	-	-	-	12	4	10
Padeiro . . . . .	25-11-915	-	-	-	-	11	10
Costureira . . . . .	25-11-915	-	-	2	-	8	12
Emp. na fábrica de tabaco . . . . .	25-11-915	-	-	2	-	20	-
Aprendiza de alfaiate . . . . .	25-11-915	-	-	2	-	17	14
Torneiro . . . . .	29-11-915	-	-	-	-	3	14
Carregador . . . . .	30-11-915	-	-	-	-	10	10
Laticio . . . . .	2-12-915	-	-	-	-	3	14
Barbeiro . . . . .	16-12-915	-	-	-	-	5	-
Média do curso . . . . .		-	-	13	11	15	12

## LIGA NACIONAL

Curso de aper

Escola da Associação Escolar de Ensino Liberal

Número de ordem	Nome	Idade
1	Pedro da Silva Carvalho . . . . .	14
2	Joaquim Nunes . . . . .	14
3	Alberto Luís Ferreira . . . . .	14
4	Eugénio José Pereira . . . . .	14
5	António Oliveira . . . . .	16
6	António Maria Clemente . . . . .	17
7	Ernesto Martins Aguiar . . . . .	12
8	Manuel Rodrigues . . . . .	19
9	Francisco Gomes . . . . .	14
10	Manuel Bento . . . . .	17
11	Carlos Sampaio . . . . .	14
12	José Alves dos Santos . . . . .	13
13	João da Silva . . . . .	14
14	Artur Fernandes . . . . .	-
15	Abílio Monteiro . . . . .	13
16	José de Oliveira . . . . .	28
17	José da Luz . . . . .	-
18	José Maria Martins . . . . .	19

## DE INSTRUÇÃO

feijçoamento

Professora, Albertina de Jesus Lourenço

Profissão	Data da matrícula	Outubro		Novembro		Dezembro	
		Dias lectivos		Dias lectivos		Dias lectivos	
		Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento
Serralheiro . . . . .	1-11-915	-	-	1	6	5	7
Encadernador . . . . .	1-11-915	-	-	-	6	2	8
Estofador . . . . .	1-11-915	-	-	1	5	-	6
Alfaiate . . . . .	1-11-915	-	-	1	6	8	7
Caixeiro . . . . .	1-11-915	-	-	4	6	5	7
Pedreiro . . . . .	1-11-915	-	-	3	6	10	7
Barbeiro . . . . .	1-11-915	-	-	-	6	5	7
Pedreiro . . . . .	1-11-915	-	-	5	6	4	8
Serralheiro . . . . .	1-11-915	-	-	4	6	12	7
Serralheiro . . . . .	1-11-915	-	-	1	5	13	6
Encadernador . . . . .	9-11-915	-	-	-	7	1	8
Serralheiro . . . . .	10-11-915	-	-	2	5	6	7
Cobridor de malas . . . . .	15-11-915	-	-	-	10	1	11
Chapeleiro . . . . .	22-11-915	-	-	-	5	6	7
Vendedor de jornais . . . . .	24-11-915	-	-	-	7	-	8
Vendedor de jornais . . . . .	14-12-915	-	-	-	-	1	6
Jardineiro . . . . .	14-12-915	-	-	-	-	2	7
Caixeiro . . . . .	16-12-915	-	-	-	-	3	6
Média do curso . . . . .		-	-	-	-	-	-

## LIGA NACIONAL

Curso de aper

Escola do Centro Escolar Democrático de Campo de Ourique

Número de ordem	Nome	Idade
1	Maximiano Brito Mergulhão . . . . .	14
2	Antonio Lopes . . . . .	16
3	Manuel Rodrigues . . . . .	13
4	Armando Venceslau Mata . . . . .	15
5	João da Costa . . . . .	17
6	Manuel Rodrigues Tapada . . . . .	21
7	Abílio Rodrigues Sobrinho . . . . .	14
8	Fernando Matos . . . . .	13
9	Luís Cardoso . . . . .	12
10	José Luis Pitulante . . . . .	29
11	Manuel Ribeiro Esteves . . . . .	16
12	Miguel Joaquim dos Santos . . . . .	16
13	José Amaro Luís . . . . .	15
14	José Matos Machado . . . . .	22
15	Vitor Alves Neto . . . . .	23
16	José Almeida Lopes . . . . .	13
17	Francisco Martins . . . . .	23
18	José Francisco da Paz . . . . .	17
19	Manuel Henriques . . . . .	31
20	Jerónimo Damásio . . . . .	13

## DE INSTRUÇÃO

feiçãoamento

Professor, José Pinto Guedes de Paiva

Profissão	Data da matrícula	Outubro Dias lectivos 15		Novembro Dias lectivos 21		Dezembro Dias lectivos 15	
		Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento
	11-10-915	-	-	-	12	1	12
Operário . . . . .	11-10-915	-	-	1	15	1	15
Operário . . . . .	11-10-915	-	-	2	12	14	-
Serralheiro . . . . .	12-10-915	-	-	2	14	4	10
Operário . . . . .	12-10-915	-	-	1	13	1	12
Soldado . . . . .	12-10-915	-	-	2	14	1	14
Operário . . . . .	13-10-915	-	-	4	10	5	10
Operário . . . . .	13-10-915	-	-	-	11	1	11
Operário . . . . .	15-10-915	-	-	7	11	15	-
Trabalhador . . . . .	15-10-915	-	-	2	12	1	12
Merceeiro . . . . .	15-11-915	-	-	8	11	9	10
Operário . . . . .	1-11-915	-	-	4	15	5	12
Operário . . . . .	1-11-915	-	-	4	16	3	9
Soldado . . . . .	1-11-915	-	-	3	14	1	14
Operário . . . . .	1-11-915	-	-	1	13	3	14
Operário . . . . .	1-11-915	-	-	11	10	2	10
Soldado . . . . .	3-12-915	-	-	-	-	5	10
Operário . . . . .	3-12-915	-	-	-	-	2	10
Empregado público . . . . .	3-12-915	-	-	-	-	4	13
Operário . . . . .	3-12-915	-	-	-	-	2	10
Média do curso . . . . .		-	-	-	-	-	-

## Publicações recebidas últimamente

*Anuário da Escola Raúl Dória.* Ano escolar de 1914-1915.—Pôrto.

*Boletim da Universidade Livre.*—Lisboa, Novembro de 1915.

*Boletim de Propaganda da Associação de Escolas Móveis e Jardins—Escolas João de Deus.*—Lisboa, Abril a Setembro de 1915.

*Congresso Nacional das Associações Comerciais e Industriais (1.º)* Relatório geral. (Associação Comercial de Lisboa).—Lisboa, 1915.

*Federação Escolar (A).* Semanário consagrado aos interesses da Instrução e do Professorado.—Pôrto, 1915.

*Memória descritiva do Instituto de Cegos do Pôrto.*

*Programa e regulamento do Instituto do Amigo da Criança.*

*Relatório da Liga Flaviense de Instrução e Beneficência.*—Gerência de 1914.

*Relatório e contas da direcção e parecer do conselho fiscal do Núcleo de Instrução «Lux».*—Gerência de 1914-1915.

*Relatório e contas do Instituto de Cegos do Pôrto.*—Ano económico de 1912 a 1914.

*Revista de Educação* (Boletim da Sociedade de Estudos Pedagógicos).—Lisboa, Julho de 1915.

Publicações do Ministério das Finanças.—Direcção Geral da Estatística:

*Boletim comercial e marítimo.*—Agosto de 1914.

*Consumo e rial de água.*—Lisboa e Pôrto. Ano de 1914.

*Contribuição de registo.*—Ano económico de 1913-1914.

*Estatística comercial.*—Comércio e navegação. Ano de 1913.

*Progresso da instrução elementar em Portugal depois da proclamação da República.*—Instrução dos nubentes.

*Rial de água.*—Ano económico de 1913-1914.

*Sobre variola e vacina.*